

EXPOSIÇÃO PRAXIS E POIESIS: 1.1.5.6

Paulo Vaz
de Carvalho

Ana Tavares
Catarina Maio
Cláudio Azevedo
Eugénia Rocha
Hugo Zanardi
Joana Pacheco
João Gonçalves
Leonardo Batista
Luís Costa
Maíra Ortins
Monique Holthuizen
Tânia Martins

museu de aveiro
Santa Joana

**ESTUDOS
de ARTE**

Departamento ComunicaçãoArte



universidade
de aveiro

Título: Praxis e Poesis 1.1.5.6 - Catálogo da Exposição
Coordenação da Edição: Paulo Bernardino e Luís Gomes da Costa
Fotografias Originais: Ana Ferreira, Janilca Rodrigues, Liliana Silva, Cláudio Azevedo
Fotogramas de Vídeo: Ana Catarina Maio, Cláudio Azevedo, Eugénia Barroca, Hugo Zanardi,
João Lacerda, Leonardo Batista, Monique Holthuizen, Tânia Martins
Desenho Gráfico: Liliana Silva

Design e Paginação:
Edições Nodar
Binaural Nodar - Associação Cultural
Web: www.binauralmedia.org
Email: info@binauralmedia.org

Edição:
Universidade de Aveiro
Web: <https://www.ua.pt/pt/sbidm/ua-editora>
Email: editora@ua.pt

1ª edição – Maio 2025

ISBN: 978-989-9253-34-6
DOI: <https://doi.org/10.48528/qt06-2r84>

Os conteúdos apresentados são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores. © Autores.
Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

PAULO BERNARDINO

A presente exposição PRAXIS E POIESIS: 1.1.5.6 celebra o dinamismo e a diversidade intelectual que caracterizam as trajetórias dos estudantes de mestrado, e de alguns investigadores de doutoramento e pós-doutoramento da área de Estudos de Arte da Universidade de Aveiro, do ano letivo de 2024.

Com uma seleção de trabalhos que refletem profundidade teórica, inovação metodológica e impacto prático, esta mostra é uma janela para os horizontes do saber em múltiplas áreas do conhecimento.

Nesta edição tivemos o privilégio de ter connosco, em forma de homenagem prestada pelo Mestrado em Criação Artística Contemporânea ao artista (1), colega e amigo Professor Doutor Paulo Vaz de Carvalho – Professor Jubilado. Pelo seu permanente amor em relação às grafias do desenho sempre dialogou entre sons e traços constituindo uma família de expressões que celebram o dinamismo, a diversidade e a complexidade das questões que movem a investigação contemporânea.

Os projetos apresentados na exposição PRAXIS E POIESIS: 1.1.5.6 - patente no Museu de Aveiro | Santa Joana entre o dia 06 e dia 16 de Junho de 2024 - danos conta do rigor das análises científicas à criatividade nas abordagens artísticas. Os participantes nesta exposição exemplificam o compromisso e a procura contínua

por questões e desafios no âmbito da criação artística contemporânea.

Para os estudantes do mestrado (6) esta é uma oportunidade de partilhar os primeiros frutos de suas investigações, explorando temas que prometem desdobramentos futuros. Já os investigadores doutorandos (5) apresentam contribuições que aprofundam e ampliam o campo de conhecimento, com trabalhos que aliam inovação e relevância. Por sua vez, o pós-doutorado (1) traz à mostra perspectivas amadurecidas, resultados que conectam teoria e prática, e um olhar interdisciplinar que inspira novas possibilidades.

Mais do que uma exposição, este evento é um espaço de diálogo e troca de ideias. Cada trabalho aqui apresentado não apenas reflete o empenho individual de seus autores, mas também o papel fundamental da academia na construção de um futuro mais informado, crítico e criativo.

Não posso deixar de mencionar que todo este trabalho é fruto do trabalho contínuo de todos os professores do Mestrado em Criação Artística Contemporânea, do Departamento de Comunicação e Arte (DeCA), da Universidade de Aveiro (UA), que conjuntamente com o Museu de Aveiro | Santa Joana e a associação cultural Binaural Nodar dão corpo a este evento - esta é a décima sétima edição deste, iniciado em 2007.

O programa do Curso Mestrado em Criação Artística Contemporânea (MesCAC) da Universidade de Aveiro, Portugal, tem como base uma abordagem transdisciplinar, enfatizando a interação entre diferentes campos artísticos e científicos, tais como: as artes plásticas – da pintura à escultura, passando por instalações e vídeo arte -, as artes sonoras, dança, performance e ou as tecnologias de comunicação. Os estudantes desenvolvem percursos de aprendizagem personalizados, experimentando diversas linguagens artísticas (visual, performativa, sonora e cénica). O Plano Curricular promove tanto as competências práticas como a compreensão teórica, com o objetivo de dotar os seus estudantes de autonomia e de consciência crítica necessárias à prática artística contemporânea. O objetivo principal é o desenvolvimento de metodologias avançadas de investigação pela prática (Research Based Project), a atenção e utilização tecnológica na arte e competências de trabalho em equipa em ambiente colaborativo.

O Mestrado em Criação Artística Contemporânea (MesCAC) promove a autonomia artística e a autoconsciência dotando os alunos de uma prática - demonstrada através do desenvolvimento de projetos - que procura reforçar a autonomia na criação de obras e a autoconsciência no ato criativo, essenciais à praxis de um artista.

Através da prática baseada em projetos: o programa dá ênfase à aprendizagem prática e baseada em projetos, o que permite aos alunos apropriarem-se do seu trabalho e desenvolverem as suas vozes artísticas únicas. Os estudantes podem criar um percurso único e personalizado, através de um Currículo Personalizado, escolhendo entre uma série de unidades de crédito opcionais para adaptar o currículo aos seus interesses e necessidades específicos. Esta flexibilidade é crucial para o desenvolvimento de competências conceptuais e práticas relevantes para o estudo e prática da arte contemporânea. Por outro lado, o programa encoraja a interação e a influência entre diferentes disciplinas, criando um ambiente onde as fronteiras do conhecimento são exploradas e expandidas. Esta Abordagem Transdisciplinar, permite aos estudantes desenvolver projetos que podem integrar múltiplas linguagens – plástica, visual, performativa, sonora e cénica - promovendo uma fusão de diferentes formas de expressão. Isto incentiva os estudantes a desenvolverem o seu próprio discurso artístico, explorando as intersecções e os limites de diferentes formas expressivas de arte. Transversalmente, de forma a remarcar uma ênfase no pensamento crítico, o programa centra-se no desenvolvimento da capacidade de realizar tarefas, resolver problemas complexos com diferentes níveis de autonomia e responsabilidade, e

incentiva os estudantes a utilizar o pensamento lógico, intuitivo e criativo - a capacidade de compreender as gramáticas do discurso artístico contemporâneo. O ethos do programa enfatiza o cruzamento de linguagens como um aspeto fundamental da criação artística, procurando envolver-se com a comunidade, procurando desenvolver Competências Avançadas, em metodologias e práticas de investigação artística: a utilização de tecnologias aplicadas à criação; compreensão, comunicação e interpretação transdisciplinares das áreas científicas envolvidas; e competências de relacionamento em grupo necessárias para trabalhar em equipas diversificadas.

Em jeito de considerações finais: o programa MesCAC promove a autonomia artística e a autoconsciência através de uma combinação de aprendizagem baseada em projetos, um currículo flexível, uma abordagem transdisciplinar, ênfase no pensamento crítico, envolvimento da comunidade e desenvolvimento de competências avançadas.

Esta exposição PRAXIS E POIESIS:
1.1.5.6 de tudo isto nos dá conta!!!

abraços
Paulo Bernardino Bastos

Professor Associado | Associate Professor
Departamento Comunicação e Arte | Universidade de Aveiro
Diretor | Director Mestrado Criação Artística Contemporânea
Comissão Diretiva-Equipa Coordenação | Board of Directors-Coordination Team
Programa de Doutoramento em Criação Artística | PhD Programme in Artistic Creation
Coordenador Grupo de Invetigação | Research Group Coordinator - Praxis and Poiesis: from arts practice towards art theory
CULTURES - ID+ (idmais.org) ID+ Research Institute for Design, Media and Culture | Portugal

SÉRGIO ELISEU

"A exposição "Praxis e Poiesis - Estudos de Arte", no Museu de Santa Joana, em Aveiro, foi um espaço rico em oportunidades de aprendizagem e reflexão, especialmente do ponto de vista da mediação pedagógica pensada para a criação de ambientes artísticos interativos. Alguns trabalhos destacaram-se não apenas pela qualidade das obras, mas também pela forma como utilizaram tecnologias interativas para envolver os visitantes. Trabalhos esses que utilizaram microcontroladoras Arduino, sensores, bem como outras tecnologias apropriadas da indústria dos videogames, como a Kinect da Microsoft, que permitiram transformar o ambiente expositivo num espaço de experimentação onde os visitantes puderam participar ativamente na obra.

Como docente e investigador em estudos artísticos, é para mim interessante observar como as tecnologias podem desafiar os limites tradicionais da fruição artística, promovendo experiências em contextos que podem ser mais imersivos e democráticos, onde o visitante deixa de ser apenas um observador passivo e passa a ser um participante ativo no processo de construção de significado. Esse caráter de participação direta foi promovido nesta mostra por trabalhos que requeriam gestos, toques ou movimentos, muitas vezes induzidos por sensores de movimento e/ou proximidade e do seu respetivo processamento computacional.

As obras interativas expostas ofereceram uma pequena amostra das tecnologias que são regularmente exploradas em contexto de sala de aula e cujas práticas, na minha perspectiva, amplificam a experiência educativa no contexto da criação artística contemporânea. Como resultado do processo, o público, perante as obras, pôde explorar diferentes abordagens e perspectivas, desde as mais intuitivas até as que exigem um maior grau de compreensão do funcionamento tecnológico por trás das peças. Para um docente, essa é simultaneamente uma oportunidade valiosa para trabalhar questões relacionadas a STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática), possibilitando uma integração interdisciplinar que dificilmente se vê em exposições de arte mais tradicionais.

Trata-se, contudo, também de um momento de avaliação, cuja finalidade é, entre outros fatores, que alunos repensem o papel do museu e da arte contemporânea, especialmente no que se refere ao uso de novas tecnologias e ao protagonismo do público. Processo de coautoria que leva à discussão sobre a responsabilidade e o poder do público no processo de interpretação e, de certa forma, na criação da própria obra. Em suma, uma oportunidade para trabalhar profundamente temas que cruzam filosofia e sociologia da arte, como

a transformação do espectador em agente ativo da obra.

Portanto, uma exposição como "Praxis e Poiesis" é muito mais do que uma visita ao museu. Transforma-se num laboratório vivo. Local onde a arte e a tecnologia se encontram para proporcionar uma proposta educativa mais completa. Parabéns a todos os envolvidos e mais além!"

GILVANO DALAGNA

Este ano, marcamos um momento importante com a realização de uma exposição que, pela primeira vez, integrou de forma abrangente a área de estudos de arte, dando especial destaque à participação dos alunos de doutoramento. Essa iniciativa evidencia o potencial que a investigação artística pode ter na construção e desenvolvimento deste campo no DECA UA. A exposição Praxis e Poiesis, que resulta do trabalho dos estudantes do Mestrado em Criação Artística Contemporânea e do Doutoramento em Criação Artística, proporciona aos alunos a oportunidade de demonstrar suas habilidades em reflexão crítica, experimentação e na articulação entre a produção artística e suas dimensões poéticas e poiéticas.

Durante o 1º ano do curso, os estudantes foram incentivados a explorar a criação como um aspecto fundamental para a formação integral do indivíduo, capaz de atuar como agente de transformação ética, cultural e social. As obras expostas são um testemunho do empenho destes artistas emergentes em situar seus trabalhos num espaço que promove a crítica e o diálogo com um público diversificado da sociedade portuguesa. A colaboração com o Museu de Santa Joana não é apenas estratégica, mas também pedagógica, pois proporciona um ambiente laboratorial que se estende ao longo de vários meses, culminando na preparação da exposição final.

Este ano, tivemos uma colaboração ainda mais direta com a associação Binaural Nodar, que abriu novas possibilidades para os alunos no que diz respeito a recursos materiais e logísticos na inauguração da exposição. Este intercâmbio entre instituições de diferentes natureza tem implicações pedagógicas significativas e pode vir a ser um modelo de boas práticas que identifique a área de estudos de arte do DECA UA como uma referência internacional em diferentes níveis

CLÁUDIO AZEVEDO

Investigação em arte contemporânea:
Ocupação de espaços, novos lugares e territórios de experimentação

No âmbito do pós-doutoramento em Criação Artística Contemporânea, no Departamento de Comunicação e Arte – DeCA/UA, desenvolvo minha pesquisa com base no método investigativo em arte que estimula a práxis criativa sobre as problemáticas de natureza artística. Nesse contexto, meus colegas e eu partimos das práticas do fazer em direção aos caminhos teóricos sobre os processos criativos. A imaginação, como matéria da arte, é transpassada por sonhos, experiências, medos, frustrações, desejos, etc. O nascedouro de qualquer conceito e/ou materialidade em arte passa pelo conjunto complexo do corpo, transversalizado por questões de ordem política, afetiva, existencial, por sentidos conhecidos e desconhecidos que compõem quem está a criar artisticamente. Mesmo que parcialmente, uma das utilidades da arte é ocupar territórios oferecendo, aos criadores e ao mundo, um novo lugar de experiência com o tempo para além de sua dimensão cronológica. Essa utilidade da arte oferece material existencial para a eventual produção de sentidos de quem a produz, o que pode ser passível de novos e múltiplos sentidos por parte de quem com a obra interage.

A exposição Práxis e poiesis 1.1.5.6 no Museu Santa Joana, em Aveiro, oportunizou um laboratório de

ocupação dos espaços para a criação de novos lugares existenciais que fizeram funcionar aquilo que é da natureza da arte em seus aspectos criativos, poéticos e políticos. As obras não só dão respostas – não necessariamente conclusivas – aos questionamentos dos artistas, mas colocam em debate as dúvidas das pessoas que lá estiveram. Público e artistas podem, assim, impulsionar novas questões que exijam outras respostas e que propaguem fluxos criativos permanentes. As obras colocam em discussão a instituição museológica, a expografia e a curadoria, considerando as idiossincrasias características da diversidade que constitui o grupo de artistas aqui contemplados.

O museu foi, e sempre pode ser, lugar de convívio entre o antigo e o novo. A arquitetura funcional (janelas, pia batismal, antigos azulejos, aberturas, etc.) de uma vida conventual, hoje, abriga um acervo de arte sacra e também cultua espaços destinados à arte contemporânea. Além disso, permite fluxos de interação entre os antigos claustros do convento e as obras produzidas em nosso tempo. Teria isso passado pelo imaginário de alguma religiosa, talvez a própria Santa Joana? Essa liberdade de imaginar lança luz na concretude dos eventos... o Museu recebeu cada pessoa com suas inquietações e

olhares, cada artista teve seu lugar de escuta e até o que nos foi privado parece ter levado a questionamentos e redirecionamentos de trajetórias criativas capazes de subverter desafios e intuir novas expressividades. Com isso, a imaginação ganhou lugares na forma de instalações, performances, sonoridades, visualidades e acontecimentos.

As obras expostas no museu são resultado de extenso trabalho de criação artística envolvendo professores e artistas-investigadores em nível de mestrado, doutorado e pós-doutoramento do DeCA/UA. Como investigador pós-doc, presenciei o exercício constante, semana a semana, de apresentações dos projetos de investigação artística de cada colega, suas motivações, intenções e materialidades. Temas diversos em forma de performances, imagens fotográficas, instalações, vídeos, desenhos e trabalhos interativos. No meio do caminho, entre as aulas e a exposição no Museu Santa Joana, uma residência artística na Binaural Nodar deslocou as possibilidades expressivas e aproximou uns aos outros na busca por respostas poéticas aos temas existenciais motivadores de cada uma das práticas artísticas. As questões em torno das memórias individuais e coletivas, do feminino, das violências de gênero, das ecologias e de suas respectivas dimensões políticas estiveram no epicentro daquilo que foi compartilhado e produzido durante quatro dias em Vouzela.

A exposição é apenas uma camada, importante como as demais, e que não determina um fim, mas um acontecimento criativo que dá corpo e materialidade aos dilemas investigativos em arte contemporânea sob a ótica arquitetônica do antigo convento Santa Joana, em Aveiro, hoje Museu Santa Joana. Um espaço que possibilita atualizar e ressignificar o convento como um lugar de criação artística contemporânea para a consequente reinvenção de novos lugares existenciais. Cumpriu-se, assim, o importante papel extensionista da instituição a qual objetiva socializar com a comunidade aquilo que é produzido no âmbito da investigação artística da Universidade de Aveiro.

Com minha pesquisa do pós-doc, busco aprofundar a investigação sobre a dimensão ecosófica na arte contemporânea que já faz parte da minha produção artístico-investigativa há mais de duas décadas. A exposição possibilitou integrar minhas produções mais antigas com outras recentes, impulsionadas pelos estudos em arte junto ao DeCA. Transversalidades entre Brasil e Portugal; objetos criados em pós-produção digital nos laboratórios, ateliês e estúdios da UA; materialidades orgânicas; estruturas produzidas na oficina de materiais da UA; aproveitamento de elementos arquitetônicos já existentes no claustro do antigo convento – site-specific; sonoridades, vídeos, fotografias, entre outros. O encontro com o artista Paulo

Vaz de Carvalho durante a residência artística desdobrou-se na elaboração conjunta da obra "Gaivota", que versa sobre a liberdade e a reabertura democrática portuguesa da Revolução dos Cravos após 41 anos de ditadura. A expografia passou pelo exercício coletivo de visita ao museu, reconhecimento dos espaços e análise da planta baixa para a criação de um circuito que favorecesse o roteiro de visitação e valorizasse a apresentação de cada obra de acordo com iluminação, materialidades, dimensões e conceptualizações de cada abordagem. Esse trabalho foi seguido da montagem e de seus desafios de harmonização das materialidades e suportes. Realizei a montagem de um painel com obras do artista Paulo Vaz de Carvalho, uma espécie de nuvem visual expressiva que ganhou força na multiplicidade de desenhos produzidos em distintos momentos da experiência estética do artista mediada pelo olhar e pelos acontecimentos históricos portugueses acerca da ditadura e da democracia.

A exposição oportunizou esse laboratório expográfico, curatorial e de montagem que levou à comunidade visitante um recorte daquilo que está a ser produzido na universidade. Aos estudantes do DeCA, foi possível falar sobre suas pesquisas e realizar uma mediação aos interessados durante a abertura e nos dias que a sucederam. Vimos nossas obras, resultado de nossas investigações, ganharem o espaço

expositivo e, a partir daí, pudemos observar e analisar os desafios da pesquisa em arte a partir das concretudes que a constituem. Discutimos e avaliamos o que deu certo e o que poderia ser diferente, pensamos sobre as relações entre obra e contexto, sobre as materialidades, a expografia, a interação e a curadoria em arte.

O catálogo é um tipo de fluxo instituinte que impulsiona novas aberturas e sentidos para aquilo que foi criado e produzido no contexto do DeCA. Um outro território, ocupado aqui por camadas daquilo que foi e sempre poderá vir a ser, considerando as transformações que somos capazes de fazer para reconstruir as memórias e seguir em frente, ressignificando a vida e a arte em permanente transfiguração e imanência com aquilo que nos forja e transforma, com aquilo que forja e transforma as nossas criações artísticas e o nosso pensamento em arte.

Cláudio Tarouco de Azevedo

LUÍS COSTA

No âmbito da exposição "Praxis e Poiesis 1.1.5.6", assumi uma dupla condição que aportou uma percepção multifacetada sobre a oportunidade e a razão de ser de um momento coletivo, no qual se apresentaram dezenas de obras artísticas, resultado de intuições, de experiências de vida pessoais, de conceitos e de métodos de trabalho diversificados.

Por um lado, encontrei-me na posição de aluno do primeiro ano do Programa Doutoral em Criação Artística da Universidade de Aveiro, junto com três dos meus colegas de percurso. Por outro, participei enquanto responsável pela associação cultural Binaural Nodar, que desde 2011 colabora com o Mestrado em Criação Artística Contemporânea da mesma universidade, através do acolhimento anual de uma residência artística no território rural de Viseu Dão Lafões, onde proporcionamos aos alunos a oportunidade de desenvolverem projetos com uma certa dimensão "site-specific" – ou seja, obras criadas ou adaptadas em resposta direta aos lugares específicos em que são inseridas.

Esta dupla condição entrelaçou-se de maneira extremamente interessante no processo de pensamento que conduziu ao desenho da exposição "Praxis e Poiesis 1.1.5.6". Com os colegas do programa doutoral, Joana Barata Pacheco, Tânia Martins e João Lacerda, trilhei um intenso caminho teórico e metodológico ao longo do

primeiro ano de estudos. Creio que todos chegámos a um ponto em que sentimos a necessidade urgente de aplicar a dimensão conceptual das nossas investigações a um contexto de experimentação e de inserção num ambiente prático de curadoria, de negociação de espaços e de montagem num lugar desafiante: o Museu de Aveiro - Santa Joana.

A colaboração com os colegas do programa doutoral foi marcada por uma troca constante de ideias e métodos, não necessariamente para "nos emularmos uns aos outros", outrossim para enfrentarmos conjuntamente, com as nossas diversidades estilísticas e temáticas, os desafios que a conceção e a execução de uma exposição de arte contemporânea implicam.

Creio poder falar por todos ao referir que participar na exposição "Praxis e Poiesis 1.1.5.6", nos deu a chave que nos faltava para encerrarmos um ano de trabalho académico com a sensação de termos trilhado um ciclo completo. Nesse aspeto, temos de agradecer a persistência do professor Paulo Bernardino, o qual "lutou" para incluir na exposição obras dos alunos do programa doutoral, tendo em conta a importância de uma apresentação deste contexto público, num lugar de notoriedade fora das portas da universidade como é o Museu de Aveiro e, muito importante, com o catálogo associado que assume uma grande importância para o

currículo dos estudantes/artistas incluídos.

Além da colaboração com os colegas do programa doutoral, já conhecia bem os alunos do Mestrado em Criação Artística Contemporânea e de pós-graduação. Todos eles tinham participado da residência artística que organizamos em Vouzela meses antes da exposição, onde desenvolveram exercícios de adaptação "site-specific". As obras que expuseram no Museu de Aveiro foram, na maioria dos casos, evoluções e aperfeiçoamentos desses primeiros exercícios.

A residência artística em Vouzela permitiu aos alunos explorar e responder aos diferentes ambientes e contextos que encontraram. Essa experiência foi crucial para o desenvolvimento das suas práticas artísticas, proporcionando-lhes um espaço para a experimentação e para a reflexão sobre a interação entre a obra de arte e o seu entorno e sobre como lidar com restrições criativas, como podem ser as adaptações de uma obra a um tempo e a um lugar concreto, provavelmente não antecipados no momento da ideia artística original. Os espaços usados pelos alunos do mestrado durante a residência em Vouzela foram diversificados, incluindo a enorme ponte por onde passava o comboio a vapor do Vale do Vouga, o interior da igreja de São Frei Gil e o espaço Lafões Cult Lab da Binaural Nodar.

As obras apresentadas no Museu de Aveiro foram, conseqüentemente, uma continuação natural do que se experimentou em Vouzela. Esse processo de evolução e refinamento foi visível na exposição, onde cada peça refletiu não só a maturação das ideias originais, mas também uma nova adaptação, desta vez às condições e desafios apresentados pelo espaço do Museu de Aveiro

Concluindo, a exposição "Praxis e Poiesis Praxis e Poiesis 1.1.5.6" foi seguramente um marco significativo na trajetória artística e académica de todos os participantes, incluindo os artistas, professores e colaboradores na montagem e documentação audiovisual. A este respeito, não posso de deixar de agradecer o impecável trabalho das minhas colegas da Binaural Nodar, Liliana Silva e Ana Margarida Ferreira, as quais estiveram presentes durante o processo de montagem, tendo-me ajudado a mim a outros colegas na resolução de questões associadas à adaptação das obras aos lugares escolhidos, para além de terem fotografado e filmado as obras expostas e as performances que se realizaram, assim como captado o ambiente geral da inauguração da exposição, que contou com muito público, interessado e participante.

Luís Costa

MAÍRA ORTINS

O mundo como sala de aula

Realizar uma exposição é essencial para o desenvolvimento de um artista. É certo também, que tal experiência implica envolvimento com outros setores da cultura, que podem ser, educadores, professores, críticos, curadores, montadores, produtores, entre outros. A montagem de uma exposição, portanto, congrega um conjunto de saberes e entendimentos multidisciplinares. Os desafios de uma montagem são muitos e passam desde entender minimamente sobre acertos de luz, organização das obras no espaço, adequação do tema com as obras, pertinência do tema proposto em harmonia com a curadoria, com o lugar onde ocorrerá, com o público, e, principalmente com o que se pretende com o projeto expositivo. É preciso saber lidar com imprevistos, que são inúmeros e de toda ordem. Nesse sentido, o Mestrado em Criação Artística Contemporânea da Universidade de Aveiro proporciona aos seus alunos, uma oportunidade de vivenciar intensamente esta experiência em um equipamento museológico oficial da cidade, o Museu Santa Joana.

Portanto, a exposição PRAXIS E POIESIS: 1.1.5.6 - Estudos de Arte, exerceu um importante papel no nosso desenvolvimento. Entretanto, é indispensável ressaltar que tal experiência não se insere apenas nas práticas bem logradas. Como pressuposto, pelo colocado acima,

uma exposição implica em diversos fatores que podem, em certo sentido, não suceder como previsto. Em nosso caso não foi diferente. Porém faz parte do processo de aprendizagem e amadurecimento tais percalços, pois é experimentado "a vida como ela é" que apreendemos uma série de interditos nas relações sociais. Dito isto, vale acrescentar que os impedimentos recorrentes se inserem no fato deste museu ser um equipamento cultural voltado para a arte sacra e ter como espaço físico um antigo convento. Há, por esta razão, uma série de fatores e regras relativas a preservação do patrimônio histórico, arquitetônico e também simbólico que precisam ser levados em conta.

Nesse sentido, vivenciar a montagem tanto do meu trabalho, quanto dos meus colegas foi desafiante e enriquecedor. Cada um de nós, à sua maneira, conseguiu soluções pertinentes. É o caso da performance "RÉQUEERM (Réquiem)" do artista Hugo Zanardi, que desde o início foi obrigado a adaptar seu projeto para poder se encaixar as regras colocadas pela equipe do museu, o que culminou em uma mudança de planos. O que o artista fez foi se reinventar e transformar o dado posto como proposição artística. A performance "RÉQUEERM (Réquiem)" vai surgindo, portanto, durante as nossas visitas ao espaço. Ao pensar nesse corpo cerceado, o artista

desenvolve um trabalho que discorre sobre corpo e resistência (ao carregar uma pesada estrutura autônoma de arame esticado), traz reflexões sobre o corpo que resiste, confronta, mas também contorna adversidades sem anular-se. Traz para o diálogo com o público questões queers e problematiza a morte quase sempre violenta de pessoas trans.

Nas instalações "Ecos do Silêncio" e "Podres Poderes", do artista Leonardo Batista, encontramos desafios relativos à montagem de grandes estruturas de cenário em um museu tombado. O artista também precisava conjugar obra e espaço de modo a fazerem sentido. Por seu caráter intimista, o artista, em diálogo com o curador, decide montar a instalação "Ecos do Silêncio" no antigo espaço onde as freiras faziam suas refeições. A sala "refeitório" é escura, coberta de azulejos azuis. É composta por compridas e pesadas mesas de madeira e bancos similares. É um ambiente naturalmente austero e, por esta razão, se correlacionava de modo perfeito ao trabalho pretendido. Nesta instalação o artista criou um túnel para levar o visitante a uma viagem ao interior da sua mente, de seus fantasmas e medos. Neste caso, o espaço do museu veio a crescer a sua obra, conferindo ao trabalho, potência. Em "Podres Poderes" a perspectiva se altera, visto que a obra aponta para o político e disserta sobre as muitas formas de exercer o abuso de poder. Aqui encontramos uma obra

mediática em que os espaços abertos melhor se adaptam, sendo, por esta razão, instalada em uma pequena sala de frente ao antigo claustro. Esta decisão de composição espacial permitiu ao público a possibilidade de interagir com a obra de forma natural.

Na obra "Inóspito", da artista Catarina Maio, encontramos uma instalação interativa em que esta convida o visitante a interagir, por meio do toque, a delicadas brancas flores de papel, por ela confeccionadas. Tal como a artista sugere, as flores remetem a alvura do sal das salineiras, onde formas e sons "florescem" ao toque do outro. Neste trabalho, Maio nos leva a criar associações sobre a cultura das salineiras em Aveiro, em comunhão com a tradição do fabrico das flores de papel destinadas a decoração dos andores dos santos em dias festivos. Há uma conexão interessante com o espaço, mas agora sob uma perspectiva conceitual, que se dá pelos costumes e tradições, e que se encontram no espiritual e no trabalho. É um trabalho de escuta, de suspensão do tempo e de observação, que aborda a paisagem natural (as salinas) e a arquitetônica, que em nosso caso, é o museu.

Assim como meus colegas, a minha instalação também necessitou ser adaptada para o espaço de uma pequena capela. Tive que considerar a limitação espacial para arranjar os elementos na sala. Problemas de iluminação, consistência das

paredes, entre outros tiveram que ser contornados. A instalação "A menina do rio" foi pensada para criar um ambiente imersivo e de memória, cujo fio condutor é a história da minha avó e sua relação com a liberdade feminina. Trata de questões subjetivas e, por isso, foi montada com o objetivo de criar uma envolvimento de escuta e contemplação, o que pode ser logrado devido as próprias características do museu.

A partir do acima exposto, consideramos que a exposição foi crucial para o nosso amadurecimento. As relações que se iniciaram com os professores, que nos acompanharam desde o início nesta jornada, também foi muito importante. O que confere sentido a uma exibição pública desta experiência acadêmica no museu é justo seu caráter pedagógico. Pensar cada obra, entender por dentro o que estava sendo proposto como experiência estética foi somente possível porque tivemos um ano em sala de aula a debater, discutir e produzir pensamento. A Universidade é um lugar de pensamento, de reflexão e aprendizado, mas não faria qualquer sentido se esta não estivesse conectada com a sociedade. É, portanto, na exposição que nós, alunos do Mestrado em Criação Artística Contemporânea nos conectamos com o mundo da arte e conhecemos um pouco do universo da cultura, que extrapola as instituições de ensino.

PAULO VAZ DE CARVALHO

Exquisite Corpse

Performance interativa

Na espera por uma reunião na UA, estava eu, entregue a automatismos habituais, a desenhar figuras sem nexos; Paulo Bernardino viu e convidou-me para juntar desenhos e músicas num momento a conceber e publicar mais tarde.

Caligrafonias foi o nome que teve o primeiro evento no Espaço Miguel Torga. Música improvisada por mim e escrita para flauta tocada por Olavo Barros, e desenhos meus, ordenados por Bernardino foram a matéria que apoiou poemas de Torga ditos por Aurelino Costa.

Mais tarde, Bernardino sugeriu que alargássemos a experiência aos participantes no Mestrado em CAC 2024.

Tal como em Caligrafonias, do evento resulta uma peça aberta ou mutante, feita de guitarra e desenhos, a qual goza ou peca por momentos de redundância de processos expressivos - grafismo e som têm origem comum: a mão que risca a folha e tange a corda—e essa é a motivação primeira desta construção; idêntica também, é a acumulação de camadas de signos sobre a tela ou sobre as colunas de som. Os impulsos que originam o tanger, o percutir, o aflorar, o raspar sobre a corda são comunicados às mesmas mãos que riscaram - ou vão riscar - ou bater, a lápis, os traços de carácter das figuras humanas

e desumanas que dão sujeito à vaga narrativa, figuras essas que, a seguir, sugerem a camada musical improvisada em palco, numa espécie de gesto de guitarra improvisada e menos rigorosa do que a do toque repetido no estudo diário - há neste jogo da guitarra uma permanente procura da liberdade - ou a sensação de liberdade - do acto gráfico e, neste, em modo diferente do traço calculado e corrigido, é patente a procura da fugacidade dos gestos de tocar.

Vêm-se sobrepostos desenhos feitos com anos de distância e ouvem-se sons gravados pela mesma mão com semanas de diferença, difundidas com sons do momento da actuação.

A atitude musical e a plástica, embora concordantes, não são paralelas: se a música é feita por camadas sobrepostas geradas em tempos e circunstâncias diferentes, mas com origem e ordem determinada pelo mesmo autor mas a narrativa plástica, sendo feita só de um extenso conjunto de desenhos meus - na sua maioria, a lápis, que são entregues ao coordenador; Bernardino comunica aos Mestrados os passos vagamente apontados por mim e dá-lhes os desenhos para que os exponham em ecrã, pelo tempo que entenderem, truncados ou sobrepostos a outros da mesma colecção, parados ou em movimento, sujeitos às condicionantes pessoais de percepção ou julgamento

e, por isso, imprevisivelmente desviados da narrativa inicialmente sugerida, transparecendo a transmissão de sensibilidade ou de impressões transportadas de um episódio para outro, em que se perde o sentido inicial, ganhando-se sentidos novos.

O principal recurso de estilo dos desenhos está na majoração de traços de identidade humana com ou sem pendor humorístico; ele é usado para acentuar traços de ridículo ou outros de prepotência, súplica ou de humilhação. Há no traço a lápis o testemunho da tensão e volume comunicados ao papel.

Ao composto de desenho e música gravada, eu respondo em palco com guitarra, segundo a ordem estabelecida por eles. É o desmembramento autoral: fragmentação de narração pela autoria em sucessão com momentos de concordância, outros de divergência - uma narração polifónica de um autor/sujeito, mas também objecto de interpretações divergentes pela parte dos artistas de CAC.

A potência do gesto de desenho ampliado em ecrã e a do gesto de tocar, ampliado nas colunas de som, mostram-se mais do que ao natural se perceberiam.





PAULO VAZ DE CARVALHO

Exquisite Corpse

Desenho

Um baixo de fabrico caseiro dá o inquieto e abafado som dos silêncios que na juventude escutámos e que ficou. Com a desordem das impressões que persistem no torvelinho destes dias novos, partilhamos, a lápis, tarolas de um golpe militar passado ou, em guitarra, a floramentos de uma grândola que ouve os passos de um cerco a desenhar-se. A opressão fica mais densa quando ouvida e refeita por mentes em cadeia - por isso os desenhos são dados em cru aos parceiros e por eles recoloridos, retalhados, sobrepostos, conforme a história de quem os refaz, fazendo deles matéria-prima de uma obra que nunca será final. A todos se entrega o interior que por todos é refeito no sentido e forma; cada desenho chegará ao ecrã já visto, já glosado ou até traído, mas como tema que resiste a todas as variações.

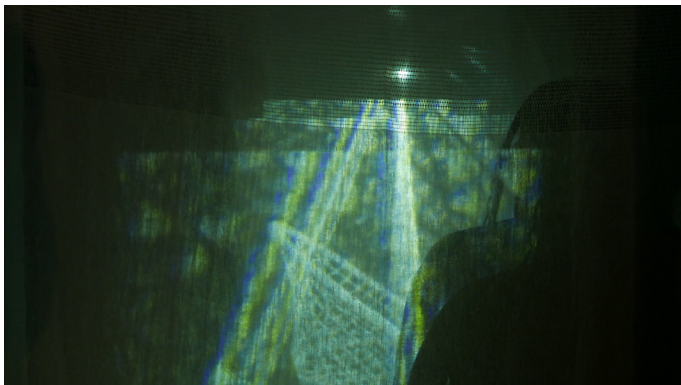


LEONARDO BATISTA

Ecossistema do Silêncio

Instalação de Mídia

ECOS DO SILÊNCIO foi criado como uma espécie de convite ao espectador para entrar nas profundezas da minha mente, perturbada por vozes e por imagens quase fantasmagóricas que sustentam o meu vazio interior. A obra surgiu a partir de uma reflexão sobre a própria existência e a forma como percebo e me relaciono com os que habitam o meu mundo.

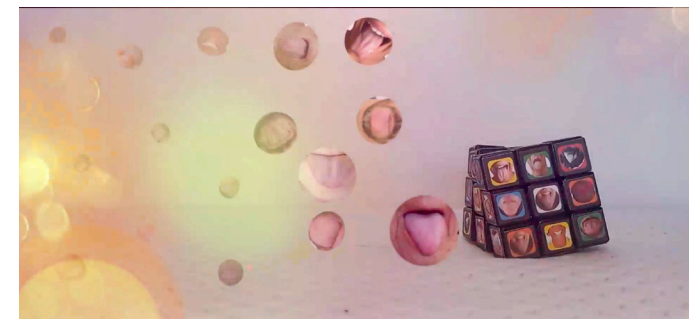
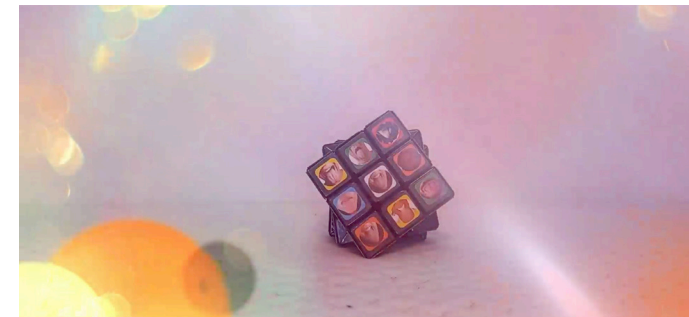
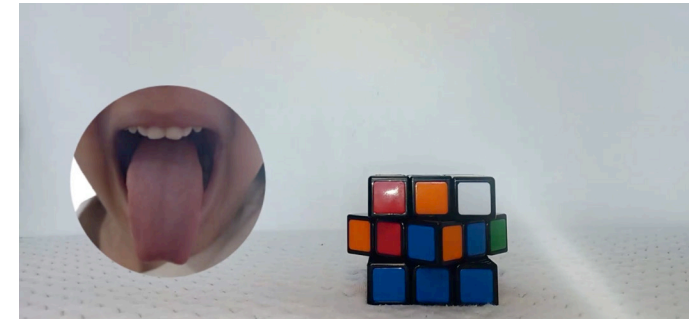


LEONARDO BATISTA

Minha Pátria

Screening Video

No vídeo "MINHA PÁTRIA" o Cubo Mágico foi criado como uma tentativa de expressar a complexidade e interconexão dos elementos que moldam a minha matriz cultural. Cada rosto é singular e está ligado a outros rostos, refletindo a diversidade de línguas e culturas que influenciaram a construção da minha identidade. A música e a reflexão sobre a minha expressão linguística foram aqui exploradas para intensificar a experiência estética e, ao mesmo tempo, para estimular a crítica sobre o condição da língua portuguesa falada no Brasil; sua pluralidade e afirmação. "MINHA PÁTRIA" surge como uma tentativa de resistência e afirmação cultural que encontra eco nas multiplicidades expostas no Cubo Mágico, aqui usado como metáfora do processo de construção da identidade cultural brasileira.



LEONARDO BATISTA

Podres Poderes

Instalação Conceitual

Podres Poderes nasceu de uma reflexão sobre o mal uso do poder em todos os campos da sociedade: o poder Estatal, institucional, cultural e familiar. Concebi esta instalação artística como uma tentativa de expor as minhas impressões sobre as ações e reflexos das decisões de personagens que fizeram ou fazem do "seu poder" verdadeiras calamidades. Ao colocar o observador dentro da obra, questiono: "...quando você usa seu podre poder?"





LUÍS COSTA

Dois Montes Irmãos Instalação Mixed-Media

Um ensaio "etno-poético" de vinculação entre a convivência com dois lugares com pessoas dentro: O Pico Sacro, perto de Santiago de Compostela e o Monte de São Macário, no concelho de S. Pedro do Sul. O ensaio é apresentado na forma de um arquivo de processo criativo, tentando responder a uma intuição pessoal: A de que haverá um processo mobilizador da irmandade entre certos lugares, resultado de uma combinação "invisível" entre a geomorfologia da paisagem e os aspetos socioculturais.





ANA CATARINA MAIO

Inóspito

Instalação Interativa

Formas e sons florescem do chão salgado onde nada jamais nasceria. A alvura do sal da Salineira e as delicadas flores de papel da Parceira do Ramo encontram-se nas "janelas do céu", e a partir da evocação destas duas figuras femininas do coração da cidade, cria-se um novo tempo e estória para o espaço coletivo. A eletrônica cruza-se com o fazer manual quase perdido, de forma sutil e provocativa, convidando à tranquilidade do percurso, escuta, observação, toque e envolvimento dos sentidos.





ANA CATARINA MAIO

Ausência - Presença

Fotografia

Um ensaio fotográfico autoreferencial, onde é patente a vulnerabilidade do ato de cuidar e dos laços familiares entre neta e avó, que se fazem presentes no dia-a-dia mesmo na sua ausência. Compilado num álbum de construção e encadernação inteiramente manuais, reflete o carácter pessoal e intimista desta partilha.

Um objeto que desperta memórias, segundo os antigos dizeres da avó, tal como o alecrim.



ANA CATARINA MAIO

Cota Zero

Vídeo Arte Digital

Em arquitetura, "cota zero" é o nome dado ao plano a partir do qual se inicia a cotação das altimetrias, convencionado como o nível da água do mar. Aveiro tem esta particularidade topográfica de proximidade e relação de simbiose com a água, que se faz presente desde a paisagem à estereotomia do espaço público. Assim, o ato de caminhar descalço na cidade nasce da cumplicidade com a água e o lugar, apresentando-se como convite ao resgate esta relação ancestral do corpo com a sua raiz.



EUGÉNIA BARROCA

Hureza

Video Arte Digital

HUREZA é uma curta-metragem que explora a relação entre o HUmano e a natuREZA, o paralelismo dos fluxos naturais com o ritmo acelerado da sociedade. Apesar do próprio ser humano ser parte integrante da natureza, frequentemente se desintegra da mesma, assumindo uma posição de controlador e até destruidor. Hureza pretende revelar a dureza desses contrastes, levando o espectador numa reflexão da sua própria conexão com o mundo natural.



HUGO ZANARDI

Réqueerm (Réquiem)

Performance

Os Ritos de Passagem são, em diferentes culturas, momentos importantes que marcam a vida e morte dos seres humanos. Réquiem são ritos para celebração da vida e condução de uma passagem digna para o além-mundo. Este é o desejo de oferecer simbolicamente tal dignidade às vidas queers suprimidas, apagadas, desaparecidas. Luto por todas.



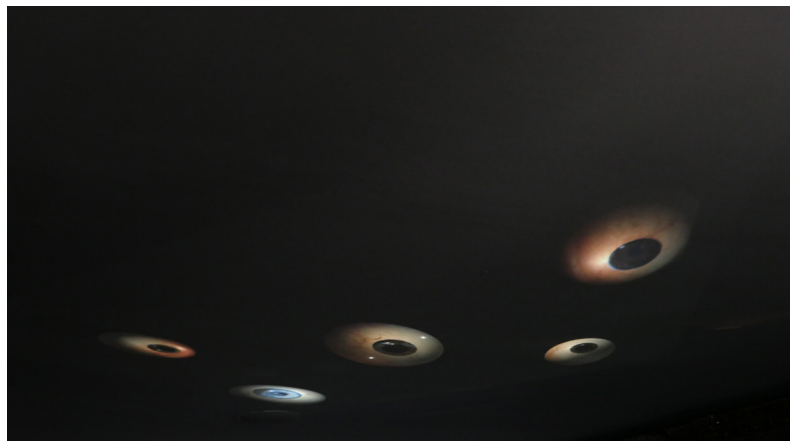


HUGO ZANARDI

Haja Vista

Instalação Multimédia

Passar despercebido não parece uma opção em uma sociedade marcada por padrões estéticos, sociais e culturais, ser diferente não é aceitável, há sempre alguém a te espreitar, seguir, olhar para qualquer lado que vá.

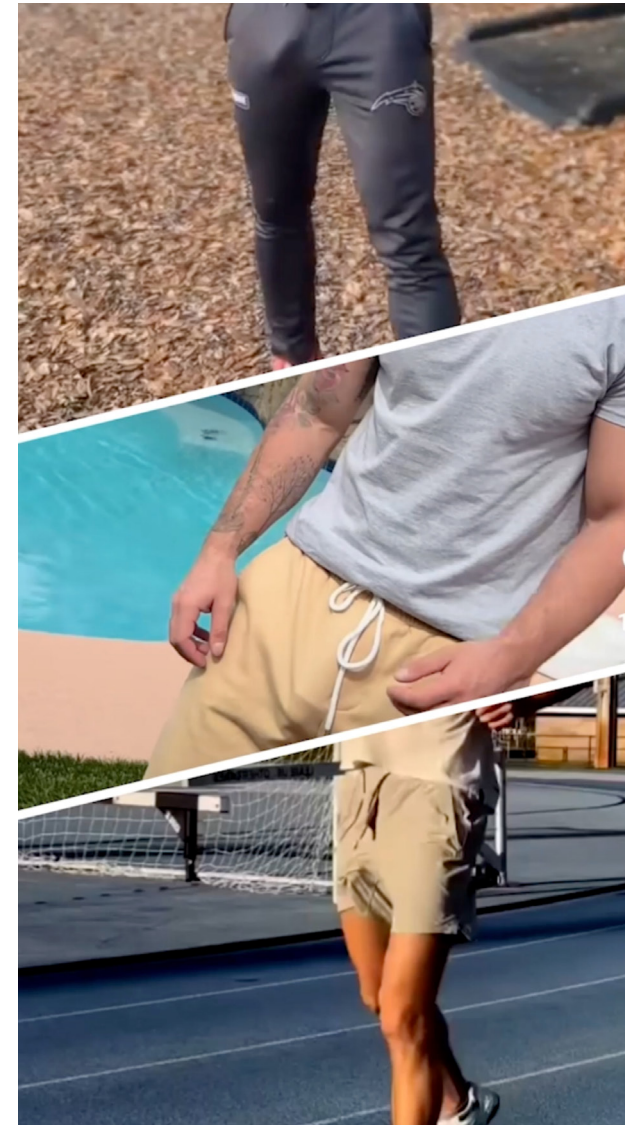


HUGO ZANARDI

Criador de Conteúdo

Video Arte Digital

Em um mundo superconectado cada vez mais emergem conteúdos especializados nas redes sociais, que informam, nutrem o conhecimento e desconstroem padrões nos auxiliando a refletir sobre a evolução humana e quais objetivos trilhar na construção de um futuro melhor para nossa sociedade.

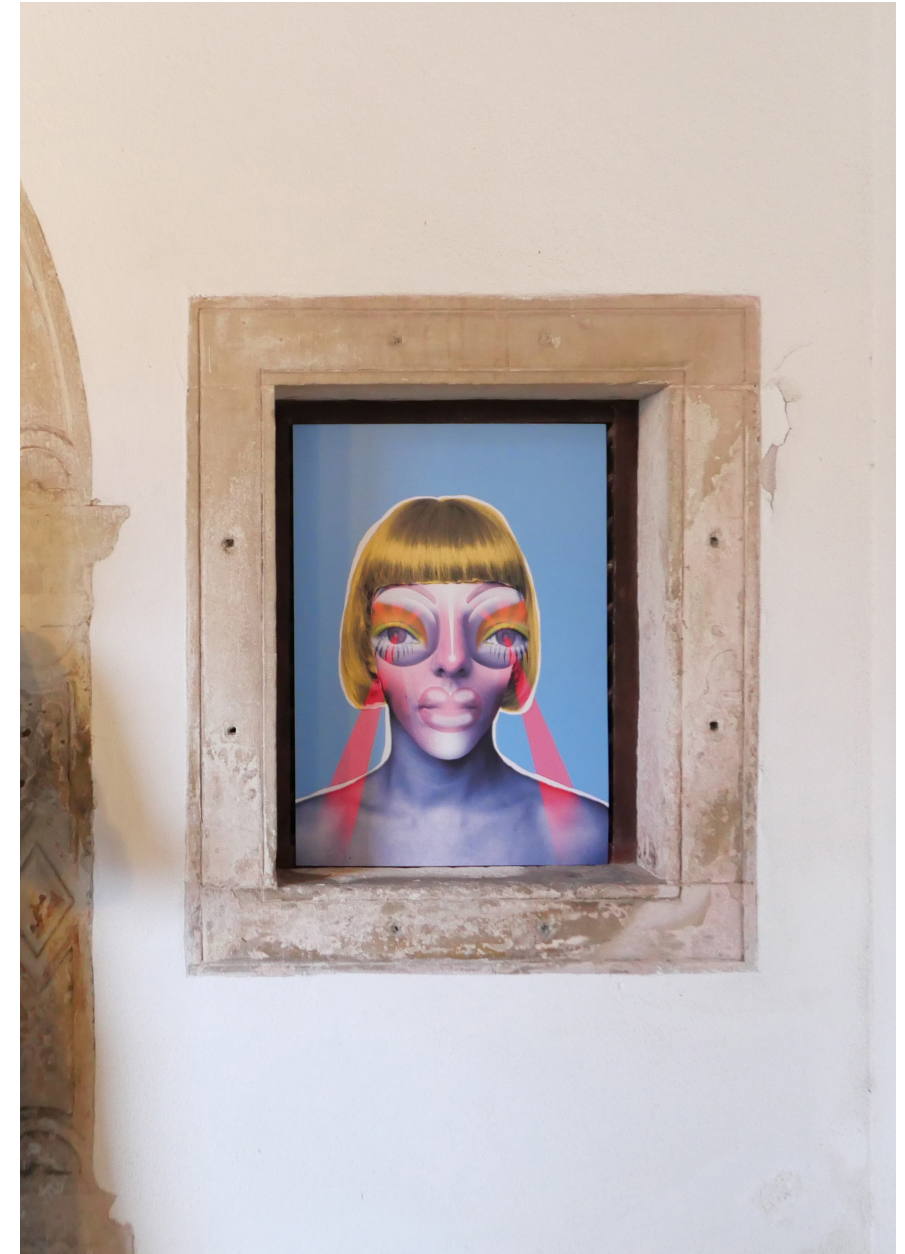


JOANA BARATA PACHECO

NIPPLCOP

Impressão sobre PVC

NIPPLCOP é um alter ego que expressa uma reação à sexualização do corpo feminino. A ideia de usar os mamilos como armas de raios laser ao serviço da justiça foi o início da criação, que se apoiou no conceito e no nome de RoboCop. Esta referência e as cores vibrantes e contrastantes manifestam a influência da cultura Pop. No processo foi usado o autorretrato e a manipulação digital, com o Photoshop, para destacar traços físicos que, nos media, estão ligados aos ideais de beleza feminina.



JOANA BARATA PACHECO

TITSANIA

Video Arte Digital

TITSANIA é uma declaração de liberdade contra os preconceitos de género, em particular os que reprimem as mulheres que fazem topless na praia. TITSANIA é, ao mesmo tempo, uma forma de expressão dessa repressão. A personagem foi criada numa sessão fotográfica com caracterização, adereços e poses que evocam o arquétipo de super-heroína. A pós-produção das imagens e o recurso ao som e à interatividade permitem reforçar a dualidade liberdade e repressão.



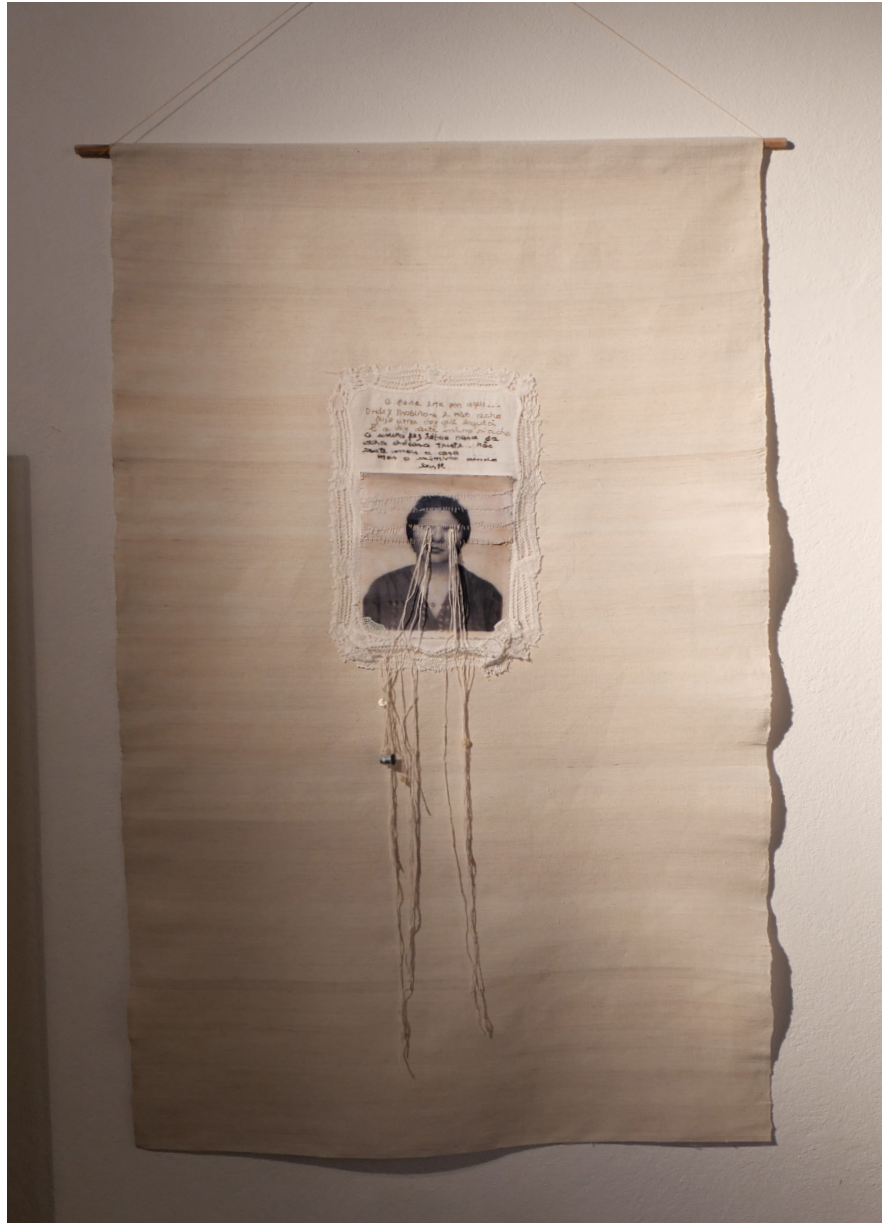
MAÍRA ORTINS

A Menina do Rio

Instalação mixed-media, vídeo arte digital e assemblage

Ativo as histórias de minha avó materna e de suas lembranças de infância e vida adulta com o propósito de cruzar situações e fatos familiares que atravessam-me. Por meio de assemblagens e instalações interativas incorporo práticas tradicionais como a costura, canções que marcam um tempo e uma cultura envolta em paisagens rurais como a do rio formoso localizado na mata sul pernambucana, no Brasil. Apesar do aspecto subjetivo, a pesquisa possui relevante caráter etnográfico.





MAÍRA ORTINS

Cura

Vídeo Arte Digital

O Sino da Igrejinha é um ponto afro-brasileiro de umbanda. Os pontos cantados são cânticos que possuem a função de invocar entidades, energizar o ambiente e auxiliar nos processos de cura. Para acionar um processo de cura performo o ritual de entrançar os cabelos enquanto canto. Sincretismo cultural marcam o trabalho que aciona a cultura afro-brasileira e que também é atravessada pelo catolicismo introduzido no Brasil por Portugal. Com a escravidão das sociedades africanas, o cabelo exerceu a importante função de condutor de mensagens. Por isso, o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. A manipulação de meu cabelo é uma forma de resistência e de manter conectada as minhas raízes.



MONIQUE HOLTHUIZEN

Transmission

Video Arte Digital

A metaphorical approach to understanding the beginning, the end, and the "Sein" (essence of being), as well as the meaning of existence: Here, the concept of existence is considered as a transmission of space and time, where the beginning could be the end, revealing the impermanence of significant objects. A lemon is regarded as a symbol of transmission, potentially offering discourse on how this visualization provides a pathway for reflection on our existence and its significance.

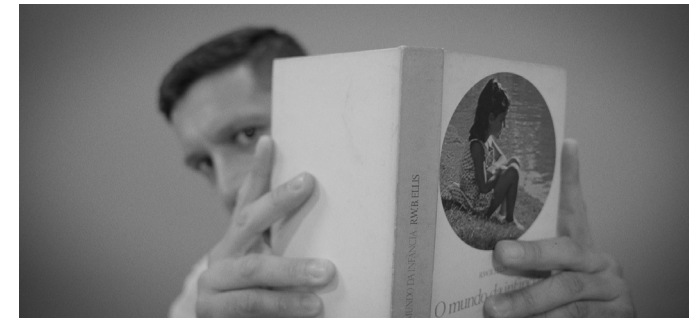
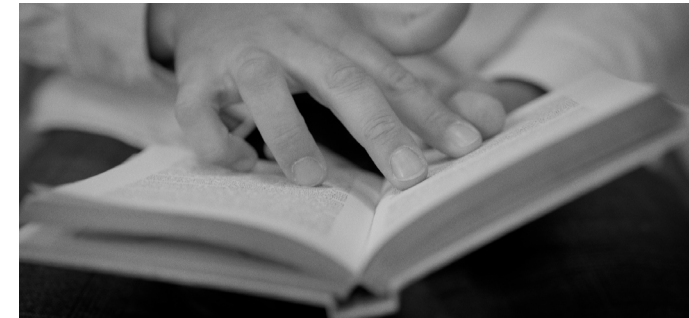
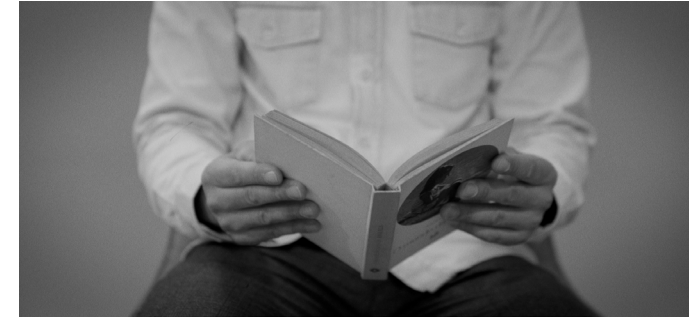


JOÃO LACERDA

Leyendo

Vídeo Arte Digital

"Leyendo" é um trabalho de vídeo artístico que procura desconstruir estereótipos ligados ao modo de vida do povo cigano, nomeadamente à falta de estudos e ao abandono escolar. A obra retrata o meu percurso que desafia expectativas ao equilibrar a minha paixão pelo flamenco com as minhas aspirações académicas. O vídeo é um retrato da minha dupla jornada: o flamenco, que simboliza a minha herança cultural, e os momentos de leitura que fazem ligação ao mundo académico. A narrativa visual alterna entre as palmas que acompanham ritmicamente o flamenco e os momentos introspectivos de leitura. "Leyendo" não quebra apenas estereótipos, mas também convida à reflexão sobre a importância da educação e da preservação cultural. Em essência, este trabalho artístico pretende demonstrar que o povo cigano e o mundo do conhecimento podem e devem conviver harmoniosamente.



ANA TAVARES

Imemorial Atlântico

Video Arte Digital

Refazer minha genealogia e conhecer as mulheres que me precederam é tarefa quase inglória. Ao encarar as figuras representadas em azulejos que revestem a cidade de Aveiro (camponesas, peixeiras, salineiras, beatas...), pergunto-me "Será que sou uma delas?". O oceano que me trouxe até aqui ainda esconde, em suas profundezas, as histórias que se perderam na travessia de navios com emigrantes, histórias (também a minha) agora submersas nas águas de um imemorial Atlântico.



ANA TAVARES

Janelas

Aquarela sobre tecido de algodão cru e bastidores

Se os olhos são janelas d'alma, seriam esses olhos femininos, retratados em azulejos portugueses – e, aqui, deslocados para o tecido – aberturas para o quê? Ao imaginar histórias para as mulheres que encontro pela cidade, ao inventar um passado ainda a ser vivido por elas, as confiro *anima*? Ou, ao fitar-me de volta, são elas que, a mim, conferem alma? Em todo caso, nossos olhares operariam como frestas, através das quais paisagens internas se revelariam. Seríamos, portanto, uma só? Talvez, de fato, eu seja uma delas.



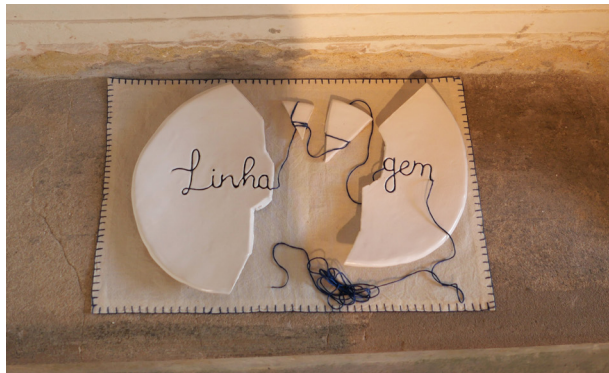


ANA TAVARES

Inventário de Família

Cerâmica, tecido de algodão cru e linhas

Do interior da cristaleira em madeira maciça, porcelanas de aparato ostentavam orgulhosas os brasões familiares de núcleos da alta sociedade portuguesa. Mas esta peça em cerâmica não repousa em um gabinete de requinte, apresenta-se em crueza, como a natureza do tecido que a suporta. Um estudo heráldico não é necessário para que se verifique que, no lugar de delicadas pinceladas, só corre um fio de memória incapaz de suturar as fraturas deixadas pelas ausências.



ANA TAVARES

Ausências

Impressões em papel fotográfico, azulejo, bordado em tecido de algodão cru e bastidor

De quantas ausências somos feitas? Minha genealogia é marcada por identidades rasuradas por motivos incertos ou desconhecidos. O apagamento de uma linhagem também é uma herança a qual se perpetua por gerações e que, todavia, não se divide entre descendentes, mas multiplica-se em ausências. A escassez de indícios daquelas que me precederam também me constitui. Somos feitas de vazios?



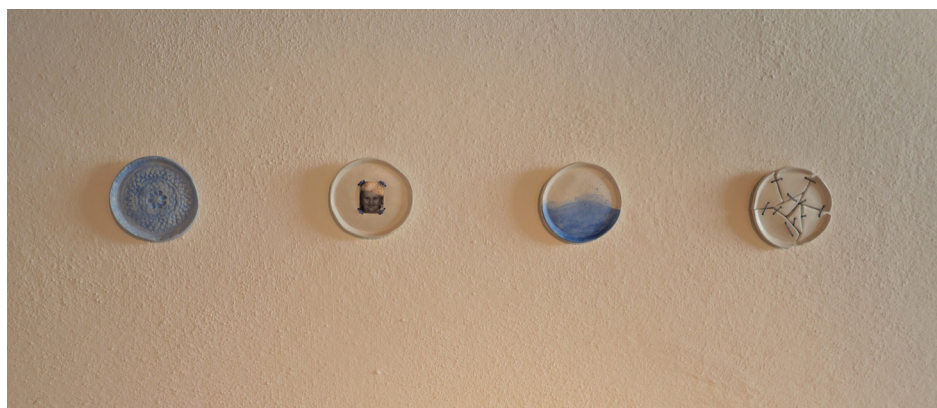
ANA TAVARES

Fragmentos de Terra e Mar

Pasta de modelagem, fotografia e linhas

Neste políptico, os pequenos pratos guardam em sua materialidade aquilo de que também são feitas as memórias de quem os cria: terra e mar. O fazer manual que deu origem a cada peça também está presente na renda e na costura, práticas historicamente associadas ao feminino e que, mesmo quando adormecidas entre umas gerações e outras, ressurgem por entre os dedos de uma mulher como uma memória ancestral.

As mãos de filhas, mães, netas e bisnetas, marcadas por travessias entre mares e terras, finalmente se entrecruzam e se acarinham em contato com tecidos e linhas. Eis que todas elas se encontram.



TÂNIA MARTINS

Vendedora de Memórias

Vídeo-performance

"Vendedora de memórias" ergue uma bandeira. Ela fala sobre um espaço onde já viveu, mas que já não vive mais. Através da manipulação de imagens, representa num outro lugar, memórias de um espaço que ela já não pertence. "Vendedora de memórias" ergue uma bandeira. Ela fala sobre um espaço onde já viveu, mas que já não vive mais. Através da manipulação de imagens, representa num outro lugar, memórias de um espaço que ela já não pertence. As imagens usadas sobre a bandeira foram registadas em 2017, durante a sua permanência no nordeste do Brasil. Da sua toalha, observou as dezenas de vendedores ambulantes que percorriam a praia.



CLÁUDIO AZEVEDO

Ecosofia

Gaiolas de metal, fotografia, musgo

Este tríptico composto por três pequenas gaiolas contém em si elementos representativos da ecosofia do filósofo francês Félix Guattari (1930-1992). Ecologias mental, social e ambiental emergem da imanência e das transversalidades entre uma microfotografia de transeuntes, a rizomática força de musgos verdes que rompem o espaço de confinamento das grades e uma gaiola vazia e sem porta.



CLÁUDIO AZEVEDO

Pela espada

Molduras, cola de areia, conchas, prego, bico de pena, cristal selenita

A espada é uma arma de combate que atravessa a história da humanidade. Assim como perfura corpos, instaura o dilema entre a vida e a morte, e o paradoxo entre a luta e a fé. Este tríptico está composto por espadas imaginadas e criadas com conchas coletadas em caminhadas na praia do Cassino, extremo sul do Brasil. A elas, outros materiais são agregados e colocam em questão debates acerca dos tipos de espadas, de suas funções e dos respectivos mosqueteiros que as utilizaram.



CLÁUDIO AZEVEDO & PAULO VAZ DE CARVALHO

Gaiota

Pedra, desenhos impressos, palha

Um cruzamento de pensamentos e posturas estéticas e políticas é a base desta criação conjunta. No ninho, um ovo-pedra-planeta está enleado pelo pedúnculo de um cravo que mantém viva a revolução e conecta pessoas do norte ao sul global. Neste momento histórico, a arte chama o mundo para a liberdade.



CLÁUDIO AZEVEDO

Brasil - Portugal - Brasil

Frascos de vidro, moliço, água, pedras, vinil

Três fotografias, duas realizadas na cidade do Rio Grande (extremo sul do Brasil) e uma nas salinas da cidade portuguesa de Aveiro, enunciam essa combinação de diferentes imagens amalgamadas nos pequenos frascos de vidro contendo materiais orgânicos (água, areia, pedras e moliço). Essas paisagens inventadas produzem um emaranhado que convida o olhar a se aproximar para decifrar cada uma de suas sutilezas.



CLÁUDIO AZEVEDO

Quis saber quem sou

Video Arte Digital

O título é uma citação ao concerto que, por sua vez, insurge de uma canção homônima que simboliza a abertura democrática em Portugal. Um manifesto pela liberdade apresentado, aqui, na combinação de três acontecimentos os quais funcionam como uma alegoria de subjetividades veladas em nosso cotidiano. Do simples caminhar às poluições subjetivas que persistem em guardar violências sociais como as imagens e frases apelativas que escancaram o machismo estrutural em visualidades paradoxalmente construídas.



CLÁUDIO AZEVEDO

Salvação, 2024

Papel fotográfico, impressão em acetato, bacia, água, areia, conchas, pano



Eventos climáticos extremos atingiram cerca de 90% do estado do Rio Grande do Sul (Brasil), alagado pelas chuvas. Aveiro se caracteriza por um estuário similar a cidade brasileira do Rio Grande onde deságuam as águas da Laguna dos Patos no oceano Atlântico sul. Com a eminente inundação das regiões costeiras do planeta, algumas questões persistem, dentre elas: como podemos reverter e minimizar os impactos produzidos pelo humano na era do antropoceno?



CLÁUDIO AZEVEDO

Em conserva, 2024

Moldura, impressão em papel fotográfico

Diretamente do pampa gaúcho e da Mata Atlântica brasileira, são postas em conserva três espécies vivas desses biomas. Como em um gabinete de curiosidades, a fotografia mostra esses habitantes, por vezes exóticos, como aquilo que pode estar em ameaça de extinção. E, ainda, podemos seguir apreciando esses seres sem mesmo considerar a nossa relação de interdependência.







Cofinanciado pela
União Europeia